

URBANISMO, URBANIZAÇÃO E VIDA COTIDIANA

*Flávia Elaine da Silva **

A vida tornada cotidiana

Não é sem dificuldades que se tenta estudar a vida cotidiana. O percurso feito por alguns autores, tais como *Henri Lefebvre e os Situacionistas*¹, não se deu de maneira suave. Fazer com que a vida cotidiana se constituísse em um campo fértil para os estudos sobre a nossa sociedade, *moderna sociedade*, sem que se perdesse de vista que o objetivo era a crítica à vida cotidiana não foi tarefa fácil.

Inicialmente é preciso chamar a atenção para o fato de que a vida cotidiana se constitui por meio de uma ambigüidade, de um movimento mesmo, entre a *colonização* da vida do homem por estruturas sociais de poder - tais como o Estado, o Direito, a Economia - e um resíduo capaz de ler com agilidade este movimento limitador, e em algumas situações ou momentos, com força suficiente para

reagir. Dessa forma, a vida cotidiana não chega para nós, hoje, a partir destes autores como algo congelado, não chega *por definição*, mas como um movimento, de uma vida *tornada* cotidiana.

Significa dizer então que a vida cotidiana possui historicidade, o que não quer dizer necessariamente uma catalogação de pequenos atos e gostos do homem ao longo do tempo. Cotidiano no Egito, Cotidiano no século XVIII, milhões de cotidianos! Não se trata de uma história das curiosidades da vida cotidiana, mas de uma leitura mais potente, reveladora, sobre o mundo do trabalho, da urbanização e da *proletarização*. Esta historicidade também está relacionada com a possibilidade ou impossibilidade do resíduo se apresentar como elemento ativo e transformador da sociedade, pois nem todos os períodos históricos guardam em si a potência de transformação.

Voltando à idéia de proletarização, esta se compõe como um eixo de fundamental importância na compreensão da vida tornada cotidiana. Significa dizer que não só dentro da fábrica, como operário, o homem está separado dos meios de produção; fora dela ele é separado da produção de sua vida mesma, como obra, como totalidade.

Esse movimento de ampliação, de operário para proletário, estende a concepção de vida cotidiana. É um plano de estudo da sociedade como um todo. Ampliar a pesquisa e a crítica de dentro para fora da *fábrica* não foi somente uma questão de escolha para estes autores. A sociedade colocava historicamente esta necessidade e o esforço estava concentrado em tornar teoria e prática mais potentes.

Por fim, o movimento de estudo da vida cotidiana deveria incluir, simultaneamente, a transformação da vida. Estes estudos deveriam localizar a reflexão sobre a vida cotidiana como se esta fosse um *campo de batalha* entre a programação da vida e o que escapava desta programação, que aparecia como movimento espontâneo e vivo. Para isto, não bastaria estudar a vida cotidiana, seria preciso transformá-la.

Isto nos remete a um conjunto entre teoria e prática, coloca o que estudamos no campo da Práxis. Bom, se o plano da vida cotidiana já se constituía de forma indócil, um plano pastoso, no sentido em que as informações não são transparentes, mas guardam dentro de si o revelado e o obscuro, lidar com o conhecimento de forma ativa e não passiva só intensifica as dificuldades.

Vejam um eixo para compreender melhor este ponto: a relação nada estável entre vida cotidiana e sobrevivência. Para muitos destes autores, tais como Raoul Vaneigem, Guy Debord, Henri Lefebvre, tratava-

se de discutir a sobrevivência como ampliada, sob o signo do Estado de Bem Estar Social europeu. Quando estamos reconstruindo estes conceitos para lidar com a sociedade urbana, em uma cidade como São Paulo, em um país como o Brasil, esta definição de sobrevivência ganha outros contornos. Não estamos lidando somente com uma sociedade da abundância, saturada de eletroeletrônicos, de consumo ampliado, mas lidando ao mesmo tempo com uma sobrevivência que significa uma luta diária de vida e morte.

Além disso, esta não é a única dificuldade que temos quando tentamos nos aproximar do estudo da vida cotidiana. Uma diferença de tempo entre estes autores e a nossa pesquisa, hoje, pode significar que podemos estar lidando com uma vida cotidiana totalmente *colonizada*, que os resíduos ativos tenham submergido deste plano. Para isso não existem respostas prontas, é necessário pesquisar. É nesse sentido que apresentaremos o que se segue.

Entre urbanismo e urbanização: uma deriva pelo cotidiano

Tendo realizado este texto no sentido de localizar a vida cotidiana como um plano da sociedade a ser desvendado, o objetivo agora será encontrar um acesso para compreensão deste nebuloso plano. O plano da vida cotidiana deve nos fornecer o movimento existente entre a formulação, a programação, a redução, a hierarquização da vida do homem na cidade e da sua luta, mas a escolha de uma *janela* se faz necessária e ela foi feita no sentido de encontrar o movimento entre urbanismo e urbanização. O urbanismo deverá aparecer tanto como sistema de

códigos que interferem na vida do homem na cidade, quanto como forma de pensar e dominar a cidade e na cidade, mas é apenas a abordagem da urbanização que nos remete a um processo avassalador e totalizante, que se tenta compreender.

Então vejamos: a vida cotidiana é um plano, a urbanização uma totalização que se quer compreender criticamente e o urbanismo um eixo de análise, uma janela. Por aí vamos. Como as transformações na cidade instauram o cotidiano na vida do homem que chega na cidade?

O estudo que será relatado aqui fala sobre o Jaguaré, bairro da zona oeste de São Paulo, e surge de um conjunto de fatores. O primeiro deles é o contato com a obra dos *situacionistas*², grupo de artistas e intelectuais formado a partir de 1952, que desenvolve ao longo de sua obra, dentre outras coisas, a crítica ao urbanismo. O segundo, do fato de que o Jaguaré, como um distrito industrial, foi um bairro projetado por volta de 1940, segundo um plano de implantação definido por um urbanista, chamado Henrique Dumont Villares.

De forma resumida apresentaremos o projeto do Jaguaré. Tratava-se de um loteamento dividido em duas partes: uma residencial, acomodada em três colinas, com os lotes implantados em curvas de nível, e casas com jardim e quintal, seguindo as idéias do urbanismo de Camillo Sitte. A área industrial foi acomodada por meio do aterro de um trecho da várzea do Rio Pinheiros, inserido em um movimento maior que foram as obras da Light, com idéias do urbanismo higienista combinado com as de Le Corbusier. O loteador programa em detalhes o modo de vida que deseja para o operário que comprar estas casas e trabalhar nestas indústrias.

Com o projeto de Dumont Villares em mãos, e dentro do corpo prático-

teórico dos situacionistas, constituiu-se a possibilidade de contrapor a formulação e a crítica de uma idéia, de um modo de proceder, o urbanismo, ao mesmo tempo em que a existência do Jaguaré, nos dias de hoje, propiciava uma prática de pesquisa que poderia ser reveladora.

Essa prática de pesquisa, desenvolvida aqui como prática espacial, vinha sendo estudada exatamente dentro da obra dos situacionistas e se chama *deriva*.

Sobre esta prática podemos dizer que existe muita dificuldade em realizá-la atualmente, tal a maneira como a urbanização impossibilita qualquer caminho livre na cidade, mas as premissas fundamentais, de observação não passiva do ambiente, de conhecimento profundo daquilo que se observa, da busca de situações que possam revelar uma estrutura dominante e da insurgência com relação a essa estrutura, foram mantidas neste trabalho.

De forma resumida, fazer uma deriva significa passar ativamente por diversos ambientes urbanos. Não se resume em contemplação, e pressupõe conhecimentos aprofundados sobre os lugares das derivas por meio do levantamento de mapas, projetos, plantas, cartas. Não lida com o aleatório simplesmente, é uma atividade impulsionada e sensibilizada pelos movimentos do terreno onde se caminha, ao mesmo tempo que reconhece intenções e projetos.

Para fazer a *deriva*, segundo os Situacionistas, era necessário um grupo de pessoas, não muito grande. Dois, três, quatro no máximo. Evitava-se a caminhada solitária. Longos períodos de chuva impossibilitavam a prática. Por outro lado, manifestações climáticas atípicas, intensas, eram propícias às derivas. Como uma extensão mínima, um bairro; máxima, a cidade e suas periferias.

Atualmente, quando fazemos uma deriva, percorremos os caminhos novos e velhos de uma cidade, de um bairro, observamos casas de épocas diferentes, praças e bares com histórias distintas, pessoas de diferentes idades convivendo no mesmo espaço. Diferentes tempos em um só tempo, concentrados no tempo do percurso da deriva. Assim, a deriva ressalta um atributo do espaço, o de reunir e relacionar tempos diferentes.

Como o que se busca não é contemplação, mas um aprofundamento do conhecimento sobre o lugar, quanto mais derivas fizermos, mais esta prática nos convida a repensarmos nossa teoria sobre aquele lugar. Dessa forma, partimos da teoria, do que conhecemos sobre determinado lugar, de como pensamos determinado lugar, mas o nosso contato com o lugar mesmo nos faz refletir sobre o que já sabíamos. Prática e teoria refletem uma sobre a outra. Algumas relações se tornam mais claras e as derivas sugerem novos caminhos para a nossa pesquisa. Conversar com algumas pessoas, acompanhar o caminho de outras enquanto realizam suas atividades cotidianas são práticas que temos somado às nossas derivas, completando o entendimento do lugar.

Entretanto, o conhecimento da Deriva é um conhecimento datado. A cidade é demolida e reconstruída sempre. Fecham-se antigos caminhos, são proibidas passagens não oficiais, valoriza-se o automóvel. A cidade se altera, cedendo lugar à metrópole. Esse movimento não é simples, guarda contradições. Assim, a realização das derivas nos colocou desde o início diante da necessidade de compreender o que víamos no Jaguaré dentro de um corpo teórico diferente daquele com o qual se deparava o grupo dos Situacionistas. A urbanização, em São Paulo, no Brasil, coloca-nos diante de questões que têm sido abordadas pela

geografia e que avançaram muito como conhecimento crítico sobre a urbanização.

Durante a implantação do projeto do Distrito Industrial do Jaguaré, no final da década de 30, existe um movimento migratório intenso se realizando do campo para a cidade. As casas e terrenos são destinados aos trabalhadores das futuras indústrias do bairro. De onde vêm estes trabalhadores? A resposta não é simples.

Algumas pequenas histórias reconstituem um pouco da ocupação do loteamento, do modo de vida que começa a se constituir para estes moradores. Por exemplo, uma família de russos vem se instalar ao lado de moradores vindos do interior de São Paulo, das antigas fazendas de café de Araraquara (antigos migrantes, portanto, da Espanha e da Itália). Ambos trabalham na construção de suas casas, tornam-se vizinhos e depois parentes quando seus filhos se casam.

Moradores de aluguel de outros bairros industriais de São Paulo mudam-se para o Jaguaré, atrás da possibilidade da casa própria. Famílias de Minas Gerais e de outros estados migram aos poucos para o bairro: primeiro chega o irmão mais velho, que encontrando moradia e trabalho, traz os mais novos. Antigos carregadores de terra tirada dos morros para aterro da várzea do Pinheiros, acabam por ocupar os morros, constituindo o núcleo inicial da favela.

Infinitos casos, cada um guardando a densidade das histórias das pessoas e das famílias que se mudaram para São Paulo. Em comum todos eles encontram, quando chegam na cidade, a idealização de um modo de vida moldado nos ideais burgueses da privacidade, da higiene e do racionalismo, traduzidos na definição clara e reduzida do lote, na constituição da habitação a partir de uma família

planejada, nos horários da fábrica e dos trens, no dia e na noite bem definidos, na hora e no lugar marcados. Estes são os novos parâmetros da vida desses migrantes.

Entretanto, o projeto concebido é atravessado pela urbanização. Nos lotes, outras formas de implantação redefinirão o que o urbanista pretendia. As construções iniciais se completam nos seus anexos, e as subdivisões do lote irão comportar uma família com agregados e parentes. Famílias assentadas no modo de vida rural, compostas por inúmeros agregados, velhos e crianças, devem ser enquadradas no padrão da família operária, sob o ponto de vista da burguesia industrial. Mas, a vida das pessoas, ainda que submetida às normas e condutas, não *cabe* no modelo.

Hoje em dia observamos que as vielas, inicialmente sanitárias, constituíram-se nos acessos a esses lotes subdivididos, às casas dos fundos, muitas vezes alugadas. O carro aí não entra e as atividades que não podem ser realizadas no âmbito doméstico por falta de espaço e privacidade, transbordam: a conversa das mulheres, a brincadeira das crianças. Com a noite, as atividades não permitidas: o namoro, o uso da droga.

A articulação imaginada pelo urbanista, entre operário, indústria e residência, não pôde ser mantida e mais do que isso apresentará uma nova situação: o tempo marginal dos transportes. São longas horas entre a casa e o trabalho, em ônibus ou trem lotados, em um movimento pendular. Nos finais de semana, o transporte público desaparece. Para os carros, enormes congestionamentos nas avenidas pensadas para as indústrias.

A partir da década de 70, o rápido crescimento da favela mostra estes novos movimentos da metrópole, a urbanização põe em cheque o

urbanismo.

A Favela como um desvio do bairro: outros movimentos

Como já foi dito, as primeiras ocupações que geraram a favela que hoje denominamos Vila Nova Jaguaré se deram já na época do aterro da várzea do Pinheiros. Atualmente, somente a Vila Nova Jaguaré já conta com mais de 12 mil pessoas morando. O ritmo e a espacialidade da implantação dos vários núcleos da favela ainda está por ser conhecido e detalhado nesta pesquisa, mas no momento o que importa é localizar como as derivas sugeriram o estudo da favela.

Por acaso, em uma das derivas feitas pelo bairro do Jaguaré, houve uma perda momentânea do *rumo*, resultando em uma deriva transversal não planejada. Acabamos por cruzar o limite entre o projetado (bairro) e o não projetado (favela), e de forma simultânea foi possível confrontar bairro e favela. É importante ressaltar que a simples comparação entre o projetado e o não projetado não tinha sido suficiente, até então, para precipitar o entendimento de quais códigos urbanísticos estavam sendo *questionados* pelas pessoas que moravam na favela.

A partir do momento em que a favela pôde ser identificada no interstício do bairro, e *como um desvio*³ - em constante e intensa luta com a demarcação da propriedade privada reforçada naquele urbanismo, em conflito com os usos incômodos e perigosos dados aos galpões industriais, reconfigurando dimensões de *lotes*, habitações e ruas, ligadas agora não à ergonomia modernista, mas ao movimento do corpo - tornou-se possível fazer com que as derivas pela favela fossem reveladoras.

A extensa Vila Nova Jaguaré, toda ela favela, guarda uma série de diferenças, espaciais e temporais, que são achatadas na denominação que todos os que não moram ali resumem no nome favela. Entretanto, em uma conversa rápida com uma moradora, nomes de trechos, vielas, becos, morros, escadarias, vão se revelando, e todos eles possuem uma definição espacial e temporal claras, de conhecimento geral dos moradores. Assim, surgem a Viela da Gaivota, o Trecho do Finado Inácio, o Morro do Sabão, que mostram uma textura inexistente em mapas, fotos aéreas ou levantamentos estatísticos. Cada trecho possui uma pequena história, conhecida por todos, inclusive no bairro.

As ruas desenhadas em *espinha de peixe*, no bairro admitido, são substituídas na favela por caminhos definidos pelos barracos, conectados por becos e escadas. Ao contrário do loteamento do urbanista, alguns caminhos se posicionam perpendicularmente às supostas curvas de nível, acentuando suas inclinações. Um destes pontos ganhou o nome de *Morro do Sabão*. Como a marginal Pinheiros não possui grande circulação de transporte público, o acesso aos ônibus só pode ser feito por dentro do bairro admitido, por linhas *especiais*, que circulem próximas às favelas. A circulação interna às favelas corresponde então ao pedestre e ao seu corpo, seus pés.

Foi possível observar que existem pequenas comunidades católicas espalhadas pela Vila Nova Jaguaré. Em contraposição à localização de uma igreja católica no bairro, central, em acrópole, estas comunidades não se diferenciam do restante das edificações. Em um dia de procissão torna-se visível uma comunicação entre elas, igreja e comunidades, invisível em qualquer mapeamento, ou

em *dias comuns*. Comunicação do mesmo tipo é notada entre as mulheres. Entre elas, bairro e favela não significam exatamente separação, mas uma continuidade cheia de nuances, reveladas em maiores ou menores dificuldades de relacionamento da mulher com a família e o trabalho.

Assim, com a urbanização que redefine o Jaguaré, a formação da Vila Nova Jaguaré expõe as fissuras de um urbanismo, ao mesmo tempo em que indica a potência da propriedade privada no loteamento. Em quase todos os trechos que foram percorridos, foi impossível deixar de notar que as habitações se espremiam ao lado de grandes lotes *vazios*. Esses lotes não possuem sistemas sofisticados de segurança. São apenas muros altos e vigias, na maioria das vezes trabalhando sozinhos. Não foi observada, entretanto, nenhuma invasão destas propriedades.

Poderíamos encontrar nestas derivas um número sem fim de formas de *desvios* das estruturas que definem a vida do homem neste bairro e nesta cidade. Estruturas, todas elas, que reproduzem a forma de produção da cidade capitalista, definindo diretamente a vida cotidiana de quem por elas pode pagar e, indiretamente, de quem não pode.

A vida tornada abstração: entre o Desvio e a Contrapartida

As sucessivas derivas feitas pela favela Vila Nova Jaguaré, ao mesmo tempo que elucidavam a sua relação com um projeto urbano já implantado, apontavam para o fato de que a sua existência como oposição ao urbanismo a colocava em uma condição de fragilidade aos novos projetos urbanos.

Atualmente, tentamos compreender

quais as estratégias de alteração espacial que irão colocar novamente em conflito o urbanismo e a urbanização, a vida das pessoas e as estratégias, a fim de possibilitar a reprodução capitalista.⁴

A reurbanização da favela da Jaguaré é o nosso novo eixo de investigação e aparece inicialmente como *Contrapartida* à elevação dos coeficientes construtivos do entorno do Ceagesp. Também está inserida em um programa municipal de maior amplitude, de reurbanização de outras favelas, que por sua vez está inserido em amplos programas de financiamento mundial para, dentre outras coisas, *regularizar* ou inserir estas habitações e populações nas estruturas de pagamento de impostos e participação de programas sociais urbanos.

O que esta relação de contrapartida pode significar neste contexto? Para os Situacionistas (Vaneigem, 1980, p.79), as relações de troca e contrapartida estão localizadas em uma sociedade que raciocina sobre o cálculo, distanciando-se do mundo da exuberância e da festa. Além disso, aquilo que poderia aparentemente ser mostrado como dom, nesta sociedade, guarda em si uma relação de poder, de quem dá sobre quem recebe. Assim, reurbanizar uma favela como contrapartida de uma operação urbana significa assegurar o poder do urbanismo sobre o que escapa dele, esconder uma relação de troca desigual sob a aparência da igualdade, ou ainda, esconder o que é um cálculo racional sob a aparência da dádiva.

Abre-se, então, um novo caminho de elucidação desta urbanização, e queremos retornar ao plano da vida cotidiana como plano de pesquisa. Acompanhando as reuniões entre a prefeitura e as comunidades existentes na favela foi possível perceber que o urbanismo continua se cristalizando

como uma combinação de elementos abstratos, códigos urbanos que esvaziam a vida de seu conteúdo. Queremos entender agora como as novas reformas urbanas chegam na vida das pessoas.

Os primeiros sinais do que pode significar o projeto de reurbanização da favela para os moradores vêm como marcas nas paredes, feitas durante o levantamento das moradias da favela. As marcas feitas nas casas soam para os moradores como ameaça porque estes já percebem um movimento maior e sabem que o processo significa mesmo é expulsão.

O tumulto ocasionado no momento do cadastramento, nas reuniões, é atordoante. Não preencher uma ficha pode significar ficar de fora, não existir como morador naquele lugar. Abstração poderosa, que pode substituir o concreto, o real.

As diversas realidades, histórias de vida de um sem fim de migrantes, são transformadas em um *banco de dados*, utilizado pela prefeitura para definir a política de reurbanização. Em uma rápida conversa com um casal, as histórias se somam: ele guarda em si a migração de Minas para uma casa de cômodos da tia em São Paulo, no Largo do Arouche. Suas brincadeiras com balões, suas lembranças dos bondes convivem com a história de sua mulher, filha de um garimpeiro, que nos relata experiências dos familiares em áreas de conflitos por terra, como Eldorado dos Carajás. Soma rica de histórias que no cálculo numérico dos bancos de dados se transforma em *um mais um*. O conteúdo histórico e social, reunido por meio da migração, passa da qualidade para a quantidade.

Para os especialistas, urbanistas, sociólogos, os lotes não possuem definição, e as casas ocupam o terreno de forma *caótica*. Existe, entretanto, uma hierarquia de ocupação relacionada à reprodução da família,

sendo que as primeiras casas se implantaram em terrenos grandes, que os familiares foram chegando e construindo em volta da primeira casa. O movimento da reprodução da vida não cabe na estreita racionalização do lote.

Anália, Seu Rafael e Clélia, moradores da Vila Nova Jaguaré, aceitaram falar sobre o que significa esta reurbanização para eles. Esta última nos dá uma pista: "A prefeitura diz que existem muitos casais sem filhos, ocupando casa com cômodos demais. Mas os casais vão ter filhos, e constroem pensando no futuro". O embate entre uma vida que se quer constituir como *espontânea*, como reprodução mesmo da vida e o que é a programação disso vai ficando mais evidente.

A lógica do bairro, redefinido pela metrópole, deve ir entrando pouco a pouco na favela. Com a abertura de uma avenida, que ligará a favela ao bairro, o espaço do constituído a partir do corpo deve ser reestruturado para o carro. Essa substituição adquire um caráter quase simbólico para alguns moradores, pois estes sabem que a largura desta avenida significará ou não a sua expulsão. Assim, morar há quase vinte anos em um lugar significa pouco perto da largura de uma calçada ou avenida.

As relações de vizinhança que os moradores possuem também são colocadas em cheque. Ser transferido dali significa perder relações constituídas em muitos anos e remetem ao fato de que o espaço não é um elemento neutro na vida das pessoas. Não é só suporte da vida das pessoas, mas permeia e constitui relações sociais. Assim, uma reurbanização que supostamente quer "qualificar" o espaço elimina exatamente este atributo do espaço.

A potência da propriedade privada é sentida pelos moradores, que mais

de uma vez se deparam com os vastos terrenos desocupados das antigas indústrias. Este é um eixo de questionamento que aparece sutilmente nas conversas com os moradores. Um fundamento de desigualdade que subsiste na inquietação de quem se sente ameaçado, camuflado nesta sociedade de trocas, aparentemente iguais.

Chegar em um questionamento da propriedade privada, tal como se constitui em uma metrópole, por meio do estudo da vida cotidiana, só vem reforçar a potência deste plano de investigação. É necessário ainda transformar a prática.

* Flávia Elaine da Silva é Mestranda do programa de pós-graduação em geografia humana / FFLCH-USP.

NOTAS

1- Sobre estes autores, é preciso dizer que as suas obras sobre a vida cotidiana têm um longo percurso, não necessariamente coincidente. Lefebvre e os Situacionistas vão se encontrar e se separar, em caminhos próximos, mas diferentes. Falaremos sobre eles aqui como se fossem uma unidade de pensamento, mas desde já faz-se a ressalva de que, para um estudo mais aprofundado, é preciso manter as diferenças.

2- A Internacional Situacionista já era uma reconstituição da *Internacional Lettrista* (IL). Alguns membros tinham participado do grupo **COBRA**, de artistas de Copenhague, Bruxelas e Amsterdã. A composição do grupo não era imóvel, brigas e expulsões aconteciam frequentemente, como no caso de um arquiteto chamado Constant. Muitos textos não são assinados, o que significa que são obras coletivas. Um deles, Guy Debord, participa ativamente do movimento de maio de 68. Outro, chamado Raoul Veneigem, escreve até hoje.

3- Finalmente, é importante definir como esse *desvio*, tradução provisória para a palavra *detournement*, está sendo compreendido aqui. Significa reinterpretar algo já existente. Lidar com a *teoria* dos situacionistas e com a sua prática espacial fez com que pudéssemos, uma vez que conhecíamos a prática do desvio, enxergar a Vila Nova Jaguaré, e todos os trechos de favelas, como um conjunto de códigos urbanos desviados, reinterpretados, sendo

que cada um desses desvios revelava as estruturas definidoras dos códigos de origem, ao mesmo tempo em que o conjunto definia um espaço totalmente diverso do espaço projetado.

Uma vez adquirida esta compreensão, o objetivo aqui deixa de ser o de justificar eternamente a favela como desvio, e passa a ser a revelação das estruturas colonizadoras da vida cotidiana e do espaço, definidas pelo urbanismo, cuja crítica desejavamos desde o início dos trabalhos.

4- Para tanto, o ponto central das investigações sai do projeto urbanístico do Jaguaré e atravessa o Rio Pinheiros, chegando ao CEAGESP. A operação urbana que irá englobar as transformações do entorno do CEAGESP está sendo elaborada, em fase de licitação. Antes lidávamos com um projeto urbanístico implantado. Lidaremos agora com um em implantação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMBART DE LAUWE, Paul – Henry (1965) *Paris, essais de sociologie, 1952-1964*, primeira parte, *Paris et l'agglomération parisienne (1952)*. Paris, Les Éditions Ouvrières.
- DEBORD, Guy (1997) *A sociedade do espetáculo, comentários sobre a sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro, Contraponto.
- EVELYN, Suzanna Sochaczewski (1987) *Cadê a festa? Estudo de migrações temporárias do sertão da Bahia para a cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP.
- INTERNATIONALE SITUATIONISTE (1963) *Edition Augmentée*, Librairie Arthème Fayard, Reviste n.º 8.
- JAPPE, Anselm (1999) *Guy Debord*. Petrópolis, Vozes.
- SEABRA, Odette (1987) *Os meandros do rio nos meandros do poder*, Tese de Doutorado, DG, FFLCH, USP.
- SITTE, Camillo (1909) *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. Org. Carlos R. M. Andrade (1992) traduzido da quarta edição alemã; São Paulo, Editora Ática
- VANEIGEM, Raoul (1980) *A arte de viver para a geração nova*. Porto, Afrontamento.
- VILLARES, Henrique Dumont (1946) *Urbanismo e Indústria em São Paulo*. 1ª ed., São Paulo, Revista dos Tribunais.